

TEMPORADA OSESP 2020
QUARTETO OSESP

15.11 domingo 18H

QUARTETO OSESP
MARIA ANGÉLICA CAMERON VIOLA
JEAN-GUIHEN QUEYRAS VIOLONCELO

BÉLA BARTÓK [1881-1945]
Quarteto nº 6 em Ré Maior [1939]

- MESTO. VIVACE
- MESTO. MARCIA
- MESTO. BURLETTA
- MESTO. MOLTO TRANQUILLO

28 MIN

JOHANNES BRAHMS [1833-1897]
Sexteto nº 1 em Si Bemol Maior, Op. 18 [1858-60]

- ALLEGRO MA NON TROPPO
- THEMA CON VARIAZIONI: ANDANTE
- MA MODERATO
- SCHERZO: ALLEGRETTO MOLTO
- RONDO: POCO ALLEGRETTO E GAZIOSO

32 MIN

BARTÓK

Quarteto nº 6 em Ré Maior

O derradeiro quarteto de Bartók foi composto em um momento conturbado na vida pessoal do compositor e também da vida política e social de toda a Europa. Justo quando a obra ainda estava em fase de processo, a Segunda Guerra Mundial começou a escrever tristes páginas da nossa história. Ao mesmo tempo, a mãe do compositor ficou gravemente doente e veio a falecer logo após o quarteto ficar pronto. Essas foram só algumas das motivações para que Bartók, em 1940, tomasse a decisão de se mudar para os EUA "por um tempo indeterminado", viagem que, como sabemos, se transformaria em uma mudança definitiva, até o fim de sua vida, em 26 de setembro de 1945.

Do ponto de vista formal, o *Quarteto nº 6* abandona a forma em arco que tinha caracterizado os dois quartetos anteriores, com um núcleo no movimento central (o terceiro), em volta do qual as ideias musicais dialogam de maneira simétrica: entre primeiro e quinto movimentos, e entre segundo e quarto. No *Quarteto nº 6* voltamos à antiga estrutura em quatro movimentos. Cada um deles começa com um "Mesto", ou seja, "Triste", que não passa de poucos compassos no primeiro movimento, mas que vem ganhando importância e duração cada vez mais consistentes, até ocupar por inteiro o último movimento, que é uma espécie de despedida.

O primeiro movimento, depois da introdução, evoca ritmos e melodias populares, como é bastante comum em Bartók, e no segundo podemos até reconhecer a imitação de alguns instrumentos típicos da Hungria, como o *cimbalom* (escutem em especial o acompanhamento para a introdução deste segundo movimento). O terceiro movimento, intitulado "Burlatta", ou "Pequena brincadeira", é algo indecifrável, quase um devaneio de um bêbado. Será que as circunstâncias da vida pessoal e pública do compositor sugeriram um momento de embriaguez em sua criatividade? Será que não há algum elemento biográfico nesse movimento, que não por acaso (em minha opinião) é seguido pelo último: lento, pensativo, intensamente lamentoso? Eu acredito que sim, como acredito que a música de Bartók, em sua essência, seja permeada de elementos biográficos e sociológicos de sua vida, e que represente, através dele, um retrato de um povo, de uma época, de memórias que foram se perdendo na vida real, mas que ficaram eternizadas, por nossa sorte, em uma música que transformou o folclore de um país em algo universal.

BRAHMS

Sexteto nº 1 em Si Bemol Maior, Op. 18

Se há um movimento na música de câmara de Brahms que exemplifica de forma completa a dupla linguagem (tradicional e progressista) do compositor, esse movimento é o "Andante ma Moderato", segundo de seu *Sexteto nº 1* para cordas, *Op. 18*. Nele, Johannes Brahms honra sua paixão pela forma clássica fazendo uso uma de suas formas mais tradicionais: tema com variações. O compositor leva, contudo, a escrita para caminhos absolutamente inovadores e ousados, que justificam plenamente Arnold Schoenberg tê-lo chamado de "progressista".

E justamente esse duplo papel, constantemente presente na música de Brahms, que representa o maior fascínio de seu legado: manter as raízes no passado, projetando porém os olhares para o futuro.

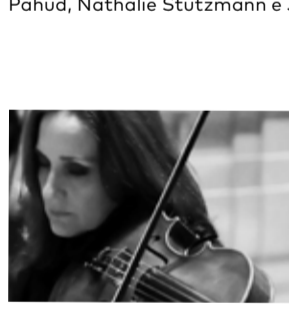
Uma curiosidade no primeiro movimento: se o tema principal começa no violoncelo, o mérito é de Joseph Joachim (1831-1907), o grande violinista, amigo e parceiro de uma vida de Brahms. Sim, pois em sua primeira versão Brahms tinha escrito o tema para o primeiro violino. Essa pequena curiosidade indica uma confiança absoluta de Brahms em Joachim, assim como uma humildade em aceitar sugestões por parte dele.

Esse primeiro movimento possui um caráter vienense e lembra os primeiros movimentos das melhores obras de Schubert. Após o segundo movimento, do qual já falamos, os últimos dois são leves e deliciosos, transitando entre o legado de Haydn e, mais uma vez, de Schubert.

Em seu panfleto intitulado "Brahms, o Progressista", Arnold Schoenberg escreveu que esta obra representa "uma fase avançada no caminho para a libertação das restrições formais dos pensamentos musicais, porque eles não derivam de sensações barrocas".

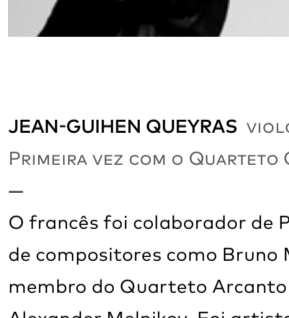
Me permito, contudo, finalizar com um pensamento pessoal: mesmo concordando com as palavras de Schoenberg, elas têm valor somente como contrapeso de um gênio que construiu sua personalidade tendo a coragem de manter suas raízes no passado, fazendo tesouros, a partir daí, alguns dos maiores e mais musicais que a humanidade já recebeu.

EMMANUELE BALDINI
SPALLA DA OSESP DESDE 2008 E PRIMEIRO VIOLINO DO
QUARTETO OSESP DESDE 2008, É DIRETOR ARTÍSTICO DA
ORQUESTRA DE CÂMARA SPHAERA MUNDI, DE PORTO ALEGRE.



QUARTETO OSESP

Fundado em 2008, o Quarteto Osesp reúne o *spalla* da Orquestra, Emmanuele Baldini, o violinista Davi Graton, o violista Peter Pas e o violoncelista convidado Rodrigo Andrade. Desde sua fundação, o Quarteto Osesp tem sua própria série na Sala São Paulo, na qual são apresentadas obras clássicas e propostas inovadoras. Seu repertório é vasto, incluindo peças que vão da época barroca até compositores contemporâneos. Entre os artistas que já se apresentaram com o grupo estão Heinz Holliger, Antonio Meneses, Arnaldo Cohen, Emmanuel Pahud, Nathalie Stutzmann e Jean-Efflam Bavouzet.



MARIA ANGÉLICA CAMERON VIOLA

PRIMEIRA VEZ COM O QUARTETO OSESP

Bacharel em Viola pela USP, integra a Osesp desde 1994. Iniciou os estudos de música com seu pai, Pedro Cameron, em Tatuí. Integrou a Orquestra Sinfônica Jovem de Santo André, a Orquestra Experimental de Repertório, as Orquestras Sinfônicas de Rio Claro, Juvenil de São Paulo e Municipal de Sorocaba. Participou de festivais como o Encontro de Jovens Solistas de Tatuí e o Festival de Inverno de Campos do Jordão. Estudou com Marcelo Jaffé, Paulo Bosísio, Horácio Schaefer, Bela Mori e Alberto Jaffé.



JEAN-GUIHEN QUEYRAS VIOLONCELO

PRIMEIRA VEZ COM O QUARTETO OSESP

O francês foi colaborador de Pierre Boulez e estreou obras de compositores como Bruno Mantovani e Tristan Murail. Foi membro do Quarteto Arcanto e integra trio com Isabelle Faust e Alexander Melnikov. Foi artista em residência do Concertgebouw (Amsterdã), do Festival d'Aix-en-Provence, dos Centros Musicais Vredenburg (Utrecht, Holanda) e De Bijloke (Ghent, Bélgica), além da Orquestra Filarmônica de Estrasburgo. Apresenta-se regularmente com Orquestras como da Filadélfia, de Paris, a Orquestra de Câmara Mahler, as Sinfônicas da Rádio Bávara e de Londres e a Gewandhaus (Leipzig).

GOVERNO DO ESTADO DE SÃO PAULO
GOVERNADOR JOÃO DORIA
SECRETARIA DE CULTURA E ECONOMIA CRIATIVA DO ESTADO DE SÃO PAULO
SECRETÁRIO SÉRGIO SÁ LEITÃO
SECRETÁRIA EXECUTIVA CLÁUDIA PEDROZO

FUNDAÇÃO OSESP
PRESIDENTE DE HONRA FERNANDO HENRIQUE CARDOSO
CONSELHO DE ADMINISTRAÇÃO
PRESIDENTE PEDRO PULLEN PARENTE
VICE-PRESIDENTE STEFANO BRIDELLI
CONSELHEIROS ANA CARLA ABRÃO, CÉLIA PARNES, ENEIDA MONACO, HELIO MATTAR, JAYME GARFINKEL, LUIZ LARA, MARCELO KAYATH, MARIO ENGLER, MÔNICA WALDVOGEL, PAULO CEZAR ARAGÃO, PÉRSIO ARIDA, SÉRGIO SUCHODOLSKI, TATYANA VASCONCELOS, ARAUJO DE FREITAS
DIRETOR EXECUTIVO MARCELO LOPES
DIRETOR ARTÍSTICO ARTHUR NESTROVSKI
SUPERINTENDENTE FAUSTO A. MARCUCCI ARRUDA